

A CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA E A SUA LÓGICA DO SOCIAL

Manuel Sérgio*

"Porque o que basta acaba onde basta
e onde acaba não basta"
(Álvaro de Campos)

1. Há vinte anos atrás, quando eu, nas minhas aulas, privilegiava autores como Bachelard, Althusser, Canguilhem, Foucault, Popper e Kuhn e revisitava Maurice Merleau Ponty (sem esquecer, nem dogmatizar, Karl Marx), muitos sentiam turbado o espírito, pois que pensavam que tais autores eram coisa perfeitamente sobejante num curso de Educação Física. Andava eu então pressuroso na busca da matriz teórica para esta área do conhecimento, na esteira do que Louis Althusser aconselhava: importa encontrar a "matriz teórica do tipo de questões que uma ciência coloca ao seu objecto".¹ Para tanto, há que romper com os hábitos, as tradições, as crenças (as ideologias teóricas, em suma), dado que a pré-história de uma ciência é a história da sua ideologia. Marx teria feito o mesmo, no entender de Althusser, por alturas de 1845, quando fez surgir a problemática científica marxista, cortando com a problemática ideológica pré-marxista.²

Mas (continuo com Althusser) é tombar numa concepção idealista e reaccionária desconhecer que o *corte epistemológico*, acima citado, decorre de uma *prática social*, entendida esta como "a unidade complexa de todas as práticas existentes numa sociedade determinada".³ Não é lícito, portanto, falar-se de uma disciplina científica (ou uma *prática teórica*, se assim se quiser), se não se leva em conta "a actividade ético-político-histórica" donde decorre e que aprofunda. Mas idealista é também quem rouba, com palavras de ordem, partidárias, quaisquer possibilidades ao *objecto teórico* de transformar o *objecto real*. Nasce, neste caso, de igual modo, as ideologias teóricas, as

quais pretendem esconder a dialéctica que une a ciência (ou a teoria) à prática social. Um discípulo de Althusser comenta, a propósito: "o dogmatismo político anda a par com a miséria teórica".⁴

Aprendiz de filósofo que era e sou, escutei então a Louis Althusser que, depois de Lenine, o lugar da Filosofia situava-se entre as ciências e a política, dado que "a Filosofia representa a política no âmbito da teoria ou, para ser mais preciso, das ciências".⁵ E Saül Karsz pondera: "as ciências e a política definem a condição de possibilidade e o critério de inteligibilidade de toda a problemática filosófica. Galileu não foi contemporâneo de Descartes por razões exclusivamente cronológicas: o cartesianismo foi provocado e estimulado por uma nova ciência (...) que revolucionou de facto a Filosofia. Com efeito, produzida contra a física aristotélica, a física de Galileu tinha de criar os seus conceitos, os seus instrumentos próprios (...). É aqui que intervem Descartes. Ele, como diz Althusser em *Lenine e a Filosofia*, elabora a nova categoria de causalidade, necessária à física de Galileu, que tropeçava na *causa* aristotélica, como um *obstáculo epistemológico* (...). Assim, a prática filosófica consiste na produção de teses, respeitantes à ruptura entre o científico e o ideológico. Fazer filosofia é traçar linhas de demarcação".⁶

Repito-me: como aprendiz de filósofo que era e sou e professor do então denominado Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa e atendendo ainda ao facto de ser, há vinte anos atrás, um estudioso atento de Louis Althusser - não será de surpreender que, ao problematizar as minhas aulas e ao fazer o seu

* Professor Catedrático convidado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa/Portugal

¹ ALTHUSSER, L. *Lire le Capital*. Paris: Maspero, 1965. p.122. volume II.

² ALTHUSSER, L. *Pour Marx*. Paris: Maspero, 1965. p.257.

³ ALTHUSSER, L. *Lire le Capital*. Op. cit., p.68.

⁴ KARSZ, Saül. *Théorie et Politique*: Louis Althusser. Paris: Fayard, 1974. p.53.

⁵ ALTHUSSER, L. *Lenine et la Philosophie*. Paris: Maspero, 1969. p.42.

⁶ KARSZ, Saül. Op. cit., pp.75-77.

registro, sentisse a necessidade de procurar a *matriz teórica* da área de conhecimento, que provocava e estimulava a Filosofia que eu estudava e ensinava. Olhava em redor e todas as minhas esperanças se desfaziam em fumo: uma indiferença total rodeava o tema! A expressão *educação física* roubava a curiosidade a qualquer questionamento filosófico, embora um ou outro entusiasmo passageiro. Tentei mesmo a leitura de livros, em língua estrangeira, que pomposamente se intitulavam *filosofia da educação física* ou *filosofia do desporto* e, francamente habituado a um convívio diuturno com os grandes vultos da Filosofia, tudo me pareceu infundado e com a ousadia específica da ignorância. Não me considero mais sábio do que ninguém (só sei que nada sei), mas exijo rigor em qualquer pesquisa de âmbito científico ou filosófico. Se tal não acontecer, acontece mentira...

Porque *ser sujeito é não sujeitar-se*, deitei-me ao labor de procurar o quesito inicial das minhas aulas de Filosofia das Actividades Corporais, que se concretizava na interrogação seguinte: *qual a ciência que provoca e estimula a filosofia de que falo aos meus alunos?* Tinha presente, na memória, "o Eu é primeiramente um Eu corporal", de S. Freud; retinha "a identidade entre as atitudes mentais e as atitudes corporais", de W. Reich; tanto H. Wallon como J. Piaget sublinhavam o papel das práticas corporais no desenvolvimento das funções cognitivas; M. Merleau-Ponty punha em evidência a motricidade como "intencionalidade operante" e fazia de mim um anti-positivista ferrenho, ainda antes de conhecer o fundamento anti-positivismo de Habermas; folheava demoradamente, tanto os contributos neurofisiológicos de P. Chauchard como os biosociológicos de H. Laborit. Enfim, uma noção psico-somática ou psico-motora do ser humano era em mim um dado adquirido. Simultaneamente, não só Jean Le Boulch desenvolvia uma crítica pertinente à Educação Física, como P. Parlebas trazia, para o seu seio, a reflexão epistemológica.⁷

"A ciência da motricidade humana possui a disponibilidade teórica suficiente para se poder autonomizar face às restantes ciências humanas."

E foi por este tipo de reflexão que eu comecei, ciente de que calcorreava o caminho mais indicado. Não procedera, de igual modo, o meu Mestre Louis Althusser, na análise do marxismo?

2. Epistemologia significa literalmente: discurso (*logos*) sobre a ciência (*épistème*). Parece tratar-se de uma palavra já gasta pelo uso. Afinal, só a partir do século passado ela surge no vocabulário especializado da Filosofia. E com um estatuto que alguns consideram ambíguo, pois que encontra na Filosofia os seus princípios e nas ciências o seu objecto. De qualquer forma, muitos a vêem como uma disciplina especial, no interior da Filosofia, uma sub-especialidade da gnoseologia. Como se sabe, "a Filosofia permite elaborar conhecimentos a que nem o conhecimento corrente, nem o conhecimento científico, têm acesso, dadas as suas características cognoscitivas".⁸ O que não há dúvida é que, assim, a ciência pode não passar de um

pretexto à prática filosófica. No meu modesto entender, no entanto, não é de roubar-se à epistemologia o seu estatuto filosófico, mas a ela lhe assiste o estudo das condições de produção dos conhecimentos científicos, sem entrar em grandes elucubrações metafísicas. Fazer da epistemologia uma

ciência, como alguns o desejam, implica a existência de uma epistemologia da epistemologia.

Demais, "ao contrário do que pensa Rorty, julgo que a epistemologia, mesmo aceitando que se trata de um episódio da cultura ocidental, está longe da exaustão. Parece-me, aliás, que a sua vertente filosófica (...) se aprofundará para acompanhar, como contrapeso, a progressiva redução da prática à técnica, que caracteriza a actual crise do paradigma da ciência moderna".⁹ No meu caso de estudioso assíduo da Filosofia, a reflexão epistemológica sobre a Educação Física tratou-se de uma tentativa de conferir maior rigor e objectividade às minhas aulas. E a primeira questão logo me acudiu: é a Educação Física um aspecto da Educação? É, sem dúvida, mas porque uma inequívoca ambigüidade se esconde sob a designação genérica de Ciências da Educação, a Educação

⁷ PARLEBAS, Pierre: "Pour une épistémologie de l'Education Physique". In: *Revue E. P. S.*, julho-agosto, 1977. pp.15-22.

⁸ CASTRO, A. A filosofia como tipo autónomo de conhecimento. In: *Filosofia, História, Conhecimento: homenagem a Vasco Magalhães Vilhena*. Lisboa: Caminho, 1989. p.76.

⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Porto: Edições Afrontamento, 1989. p.29.

Física (como a Educação Médica, a Educação Jurídica, a Educação Visual, a Educação Filosófica, etc.) dificilmente será um qualquer sub-sistema do sistema Ciências da Educação. É bem mais certo (e lógico) que ela se profile como o ramo pedagógico de uma ciência autónoma, dado que, no meu pensar, a uma prática autónoma deve corresponder, em princípio, uma nova diretriz teórica disciplinar. Sem a aquisição de fundamentos teórico-metodológicos básicos, não há prática profissional e de pesquisa, com o mínimo de coerência.

A ciência da motricidade humana possui a disponibilidade teórica suficiente para se poder autonomizar face às restantes ciências humanas. Ela estuda o movimento intencional da superação (ou da transcendência) e, como tal, o Corpo enquanto forma de Desenvolvimento Humano. A motricidade *compreende-se* na relação intencional entre a situação e o movimento e na flexibilidade adaptativa das estratégias de aprendizagem permanente. E *explica-se* na relação inato-adquirido, percepção-movimento, imanência-transcendência. Tendo em conta as heranças culturais, as necessidades individuais e sociais e os objectivos dos sistemas sócio-políticos, a ciência da motricidade humana exige uma prática pedagógica (a educação física ou educação motora) e uma reflexão científica onde se alicerce, para além do que lhe podem dar as ciências da educação. A criação da ciência da motricidade humana chama também a atenção para o facto de a Universidade não dever ser tão-só *reflexo* das necessidades sociais, mas também o seu *projecto*, dado que a sua função principal radica na criação de conhecimentos.

A produção do conhecimento científico; as problemáticas, os problemas e os meios de investigação; enfim, as teorias, as técnicas e os métodos - devem estar presentes, com prioridade, no ensino universitário. As aulas não se realizam para disseminar propaganda partidária, mas para promover a ciência. O professor que esquece tudo isto deve demitir-se das suas funções, dado que ciência e ideologia, coabitando embora, não se confundem e a universidade é um espaço marcadamente científico. Aquilo que globalmente caracteriza o empirismo é a crença, nem sempre consciencializada, de que se acede ao conhecimento e, em particular ao conhecimento científico,

através da acumulação de observações da realidade, desprovidas de pressupostos substantivos. Ao descodificar-se o empirismo reinante em alguns docentes universitários, encontramos, muitas vezes, a incapacidade de ruptura com determinadas ideologias, o que tem alimentado o equívoco de que é à luz de *slogans* partidários que melhor nos adentramos na análise de situações concretas.

A ciência da motricidade humana, sem qualquer assomo de auto-suficiência, oferece à educação física um conjunto integrado de proposições teórico-substantivas, directamente ajustadas aos profissionais desta área, que me parece atempado e a merecer a atenção dos especialistas, mesmo daqueles a quem o *novo* assusta e confunde. Há que desconfiar das áreas científicas quando se transformam, unicamente, em senso comum. E isto, porque "há uma descoincidência necessária entre, de um lado, formas de conhecimento e de observação memorizadas e accionadas na prática social e, de outro, modelos de racionalidade construídos, testados e acumulados nas comunidades científicas".¹⁰ Neste passo, apetece-me citar Boaventura de Sousa Santos. "Só existe ciência enquanto crítica da realidade, a partir da realidade que existe e com vista à sua transformação numa outra realidade".¹¹ Por outro lado, é bom não esquecer-se que "a epistemologia foi o primeiro produto filosófico relevante da derrocada da visão do mundo, unitária, com a qual se inaugurou a era moderna".¹² Recordo também as palavras de Giovanni Papini, dirigidas aos teólogos, nas *Cartas os homens do Papa Celestino VI* "Vós parastes o relógio da História, no século XVI, e continuais a servir perpetuamente a mesma sopa. Não saistes da rotina petrificada, das repetições, dos silogismos mecânicos, dum pedantismo verbal e formalista. Os vossos gabinetes estão repletos de escriba e não de pesquisadores". Estas palavras poderiam aplicar-se não só aos teólogos...

Só que eu acompanho Habermas, nas suas objecções a Lyotard, quando privilegia o *consenso* em relação às *diferenças e desavenças*; e a Derrida, Gadamer e Adorno, dado que também eu não me quedo por uma visão estetizante da realidade; e por fim ao positivismo, que nunca achou ensejo propício a uma reflexão aturada sobre os pressu-

¹⁰ PINTO, José Madureira. *Propostas para o ensino das ciências sociais*. Porto : Edições Afrontamento, 1993. p.121.

¹¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Op. cit.*, p.52.

¹² MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro : Editora Guanabara, 1986. p.41.

postos sócio-políticos da prática científica,¹³ ou sobre a inserção da filosofia positivista no contexto histórico do progresso do imperialismo europeu. Eu mesmo, num esforço para manejar menos palavras do que idéias, assumi duras críticas ao positivismo, à luz da fenomenologia: "(...) porque toda a experiência é, segundo Husserl, a experiência de uma consciência que lhe dá *sentido* ou a *constitui*, a neutralidade, impessoalidade e objectividade das ciências não garantem uma verdadeira cientificidade pois que se põe de lado a subjectividade, nuclear na constituição daquele tipo de conhecimentos".¹⁴ Marx já buscou demonstrar a superioridade epistemológica das análises que dão relevo às dimensões macrossociais dos fenómenos. Vale a pena voltar ao prefácio à *Contribuição para a Crítica da Economia Política*: "O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é inversamente o ser social que determina a sua consciência. Durkheim fez outro tanto, adiantando o conceito de *factos sociais*, os quais, conforme vem expresso nas *Regras do Método Sociológico*, "consistem em maneiras de agir, de pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e que são dotados de um tal poder de coerção que declaradamente o subordinam". Assim, é impossível escamotear a natureza social de toda a prática científica. Sem esquecer o seu carácter de actividade mediatamente transformadora da realidade objectiva.

3. Há pouco, um amigo meu, a escorregar para o enfático, questionava-me: "Para que é necessária a ciência da motricidade humana se tudo o que ela preconiza já nós praticamos na Educação Física?" Sentei-me e respondi-lhe com vagar: o meu amigo está a descambar no mais ingénuo dos empirismos. A ciência, porque teoria, é componente essencial e decisiva dos processos sociais de transformação da realidade objectiva. Sem uma ciência autónoma, a Educação Física, que nada mais é do que uma didáctica e uma prática pedagógica, perde a sua fundamentação teórica, constitutiva do processo

social em que ela (Educação Física) se encontra empenhada. O que, através da ciência da motricidade humana se procura, é um saber, dado que, na sua ausência, as práticas corporais não alcançam, com verdade, uma teoria a que possam chamar sua. Se, na Educação Física, a articulação entre técnica e ciência fosse visível, a sua validação social seria outra. Por que sofrem penas judiciais (e afinal o repúdio generalizado) os falsos médicos, os falsos advogados, os falsos engenheiros, etc. e são absolvidos de qualquer culpa os falsos professores de Educação Física? Porque são alçados a treinadores desportivos, entre frémios de admiração, indivíduos sem a mínima preparação científica e pedagógica, mas antigos praticantes de modalidades onde se notabilizaram? Acaso um antigo doente, só por esse motivo, pode chegar a médico, ou um antigo criminoso sentar-se na cátedra do juiz? Afinal, um e outro são antigos "praticantes"! Sem o

radical fundante de uma ciência autónoma, a sociedade não tem da Educação Física uma definição precisa. Pelo contrário: vê nela um sub-produto que o Desporto vem colonizando, paulatinamente.

A revista *Esprit*, fundada por Emmanuel Mounier, já dedicou um dos seus números à Educação Física¹⁵. Nela, três eminentes professores de Edu-

cação Física, Michel Bernard, Charles Pociello e Georges Vigarello escreveram um ensaio intitulado "Itinerário de um Conceito". Aí se refere que a expressão *educação física* surge, pela primeira vez, em França, nos meados do século XVIII, "com uma dimensão especificamente escolar", embora com normas higienistas e militares amplamente presente. Mais tarde, Georges Hébert (1875-1957), pessoa de grande dom de comunicabilidade, publicita, com êxito, o conceito, designadamente após o Congresso Internacional de Educação Física, corria o ano de 1913. Três anos depois, reaberta a Escola de Joinville, as idéias de Georges Hébert recebem forte impulso e, com elas, o termo educação física foi substituindo, gradativamente, a ginástica. Hoje, o conceito *educação física* "tão tardiamente e penosamente adquirido (...) é posto em

"Sem uma ciência autónoma, a Educação Física, que nada mais é do que uma didáctica e uma prática pedagógica, perde a sua fundamentação teórica, constitutiva do processo social sem que ela (Educação Física) se encontra empenhada."

¹³ Cfr. DELACAMPAGNE, Christian. *Histoire de la Philosophie au Xxe siècle*. Paris : Seuil, 1995. pp347ss.

¹⁴ SÉRGIO, Manuel. *Motricidade Humana: contribuições para um paradigma emergente*. Lisboa : Instituto Piaget, 1995. p.112.

¹⁵ *Esprit*, Paris, mai. 1975.

causa em favor de novos termos que se julgam mais adequados (...), por imperativos de ordem educativa, epistemológica e ideológica". Com alguma força, beneficiando de opulento aparelho crítico, despontam agora os que integram esta área do conhecimento, no grupo das ciências do homem: a educação psicocinética de Jean Le Boulch e a psicossociomotricidade de Pierre Parlebas são dois cumes desta corrente. Um e outro porém, manifestando incontida antipatia pela expressão *educação física*. Uma segunda tendência decorre da fenomenologia e diante do termo educação física prefere a *educação do corpo subjectivo* ou do *corpo-próprio*, em oposição ao *corpo-objecto*, que predomina ainda na educação física. G. Rioux e R. Chappuis, com o seu livro *Les bases psychopédagogiques de l'éducation corporelle*, são dois exemplos flagrantes. Há uma terceira tendência, de filiação na extrema-esquerda, irreverente e demolidora, que põe de lado a expressão *educação física* porque a denuncia como demasiado conotada com as categorias económicas, sócio-culturais e políticas do capitalismo. A educação física ensina-nos a perder *poder* e a ganhar *adaptação*¹⁶.

Páginas adiante, na mesma revista¹⁷, Georges Vigarello, em artigo que dá pelo nome *Éducation Physique et Revendication Scientifique*, sublinha que "a atitude científica beneficia hoje de um prestígio invulgar na Educação Física transformando-se mesmo numa reivindicação importante na literatura especializada". E apresenta a seguir as razões do fenómeno: "vontade de abandonar uma pedagogia centrada, durante muito tempo, na intuição dos professores; desejo de utilizar novos métodos e conceitos e provar a sua eficácia; esperança de que se reconheça a cientificidade numa disciplina que a Escola não prestigiou suficientemente". E prossegue: "A linguagem da Educação Física está dividida, no fundo, em duas correntes - uma, corporizada por aqueles que, mesmo dizendo-se educadores, privilegiam os dados positivos da biomecânica e da biologia; outra, que é seguida pelos que dão particular relevância às dimensões

psicológicas e culturais do movimento". Assinala, no entanto, Vigarello que os métodos e os conceitos, já aceites nas ciências do homem, lhe parecem soberanos, no estudo da educação física. E reconhece que esta disciplina "ainda não se interrogou o bastante sobre a sua submissão à instituição escolar (...). Bourdieu e Passeron mostram, sem margem para dúvidas, que a Escola transmite e reproduz a ideologia e a linguagem das classes dominantes". E questiona: "E não é verdade que a Educação Física se situa ao mesmo nível das práticas discursivas das outras disciplinas?".

A ciência da motricidade humana, que eu procuro elaborar, beneficiando da colaboração de alguns colegas brasileiros, parece-me dar respostas à problemática levantada pelos profissionais de Educação Física, atrás referidos:

"A ciência da motricidade humana estuda o Homem no movimento da superação (o movimento mais autenticamente humano) e, como tal, concorre a uma leitura política do corpo, já que os ricos e os pobres não são o mesmo corpo. Cada classe social tem a sua cultura motora.

1. Apresenta um paradigma defensável para uma prática autónoma. A Educação Física assim garante uma fundamentação científica e uma *ciência normal*.

2. Integra a ciência da motricidade humana, nas ciências do homem, sugerindo assim um corte epistemológico com a passagem do *físico* ao *motor*.

3. Se a ciência é *poder*, a ciência da motricidade humana supõe a criação de uma *comunidade científica*, com a suficiente aceitação na sociedade, de forma a transformar-se em *poder*.

4. A ciência da motricidade humana estuda o Homem no movimento da superação (o movimento mais autenticamente humano) e, como tal, concorre a uma leitura política do corpo, já que os ricos e os pobres não são o mesmo corpo. Cada classe social tem a sua cultura motora.

5. As Faculdades de Educação Física (ou de Motricidade Humana) porque têm (com a existência da ciência da motricidade humana) uma matriz científica autónoma, devem procurar formar "homens de ciência", que podem, ou não, ser professores, em conformidade com o que se passa nas outras áreas do conhecimento.

¹⁶ *Esprit*, op. cit., pp.104 ss.

¹⁷ *Esprit*, op. cit., pp.739 ss.

6. E, porque “homens de ciência”, os verdadeiros treinadores desportivos, já que o desporto é um dos sub-sistemas do sistema *motricidade humana*. Treinadores que o são, pela razão exclusiva de se terem notabilizado na prática de um desporto e sem a adequada graduação universitária, resultam do facto de a Educação física estar praticamente circunscrita ao universo escolar e ser assim fraco o seu prestígio social (conforme Vigarello o referiu, em artigo que atrás citámos). As Faculdades de Motricidade Humana devem graduar especialistas no desporto, na dança, na ergonomia e na educação física adaptada e chamar a atenção de que os seus graduados, pela preparação, rigor e honestidade intelectual, têm lugar imprescindível, na sociedade, como factor de desenvolvimento individual e social. Ao invés do que se passa com os antigos praticantes...

7. A ciência da motricidade humana apela a uma nova cultura do corpo, sem as exigências normativas da sociedade capitalista, onde o corpo é mais um objecto de consumo.

Eu sei que, com um riso rasteiro e frívolo, há quem se mostre avesso à reflexão filosófica, que esta minha tese implica. Mas há também quem, com placidez e dignidade, considere a Educação Física um “corpo ortodoxo”, dotado de uma inamovível coerência interna, enquanto pedagogia que é. Permito-me adiantar que, no conhecimento científico, quanto maior é a coerência, maior é a fragilidade racional. Os ortodoxos pretendem compensar, com os seus dogmas, a fragilidade racional dos seus conteúdos. A lógica da inércia é a que preside a todas as ortodoxias, onde a tradição impede a inovação e suprime as mudanças. No meu humilde pensar, não me parece haver outra saída para a Educação Física do que procurar o seu estatuto científico e, com ele, isto é, com a sua individualidade definida e precisa, concorrer à transformação da sociedade. Tudo isto é custoso e penoso (sei-o por experiência própria), dado que, se a liberdade é apanágio das pessoas, o determinismo é próprio das instituições e a procura do estatuto científico não tem história em muitas instituições. Resta-nos a cada um de nós questionar o conservantismo, para que nelas seja possível o exercício e o desenvolvimento da liberdade e da criatividade.

4. Quando, nos anos de 1987 e 1988 tive a honra de trabalhar na Faculdade de Educação

Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP) sob a orientação fraterna do então director Prof. Dr. João Batista Tojal e tendo a meu lado alguns colegas de sólida cultura e que, por isso, nunca me manifestaram o menor assomo de hostilidade que é de regra a todos os adventícios - participei em reuniões do corpo docente onde se discutiu o estatuto científico da Educação Física. Foram encontros de grande entusiasmo e autenticidade, que francamente me deliciaram e rapidamente me deram a entender que alguns profissionais da Educação Física brasileiros podem dialogar, de igual para igual, com o que de melhor há na Europa. Por generosidade dos participantes, designadamente do João Tojal, foi discutido então um documento, por mim elaborado e onde ficou presente (para além doutras idéias) a filosofia de um livro que eu estudava, demoradamente, naquela altura.¹⁸ Nele pode ler-se que as diversas áreas do conhecimento “não cessam de se decompor e recompor, encontrando-se as suas fronteiras submetidas a incessantes variações”. A historicidade de cada uma das ciências é um facto incontroverso. E, porque se fala em *história das ciências*, fala-se *ipso facto* em *história das idéias*, de que o conhecimento científico é reflexo e projecto. Por isso, foi uma prosa afoita a que eu escrevi. Senti, então, que o meu corpo já não tinha a idade do meu espírito; que um adolescente sobrevivia num corpo, em 1987, com 54 anos de idade.

Mas, reconheço, fui mais um filósofo das ciências do que um politólogo, com grande desgosto do Lino Castellani Filho, fervoroso adepto doutras temas e doutras militâncias (dialogamos tanto um com o outro que não deixamos de ser “amigos do peito”, mesmo com epistemologias diferentes). Um motivo sobre outros me levou a tal postura: desde a Idade Média, a *Universitas* designou duas realidades complementares - sociológica, na *Universitas magistrorum et Scholarum* (universidade dos professores e alunos); *ideológica*, na *Universitas Scientiarum* (universidade das ciências). O ressurgir agressivo do racismo e o racionalismo, ingredientes essenciais do nacional-socialismo hitleriano; o alastrar dos fundamentalismos religiosos, inimigos fideais da liberdade de pensamento; orçamentos governamentais para a Educação, que não atingem (nem ultrapassam) os determinados para as Forças Armadas e a Defesa; o desprezo pela promoção dos

¹⁸ Cfr. GUSDORF, Georges. *De l'Histoire des Sciences à l'Histoire de la Pensée*. Paris : Payot, 1977.

recursos humanos, como factor de desenvolvimento, num quadro de igualdade de oportunidades e de melhoramento dos níveis de escolarização em todos os graus de ensino; o facto de a opinião pública ser a opinião que se publica, numa "aldeia global" onde os *mass-media*, aqui e além nas mãos dos *grandes interesses*, pontificam; a crise do socialismo que se deixou confundir com uma Internacional Socialista, que pretende casar alta competição económica, liberalismo e solidariedade - são temas que condicionam o desenvolvimento do sistema científico e tecnológico. Mas a universidade, ou faz ciência, ou não é Universidade.

Confesso, no entanto, que a ciência da motricidade humana sempre teve presente as palavras de Gaston Bachelard:

"o espírito científico moderno está liberto por princípio, de qualquer espécie de dogmatismo, porque se apresenta em constante renovação". E mais ainda: "uma especialização científica muito desenvolvida é sempre acompanhada de larga cultura geral. Uma especialização profunda mobiliza pensamentos que deitam raízes nos amplos domínios da cultura".¹⁹ E, portanto, se a instituição universitária deve fazer ciência, existem estreitas relações de adalteridade entre a ciência e a cultura e assim a Universidade deve assumir, não só um carácter participativo na construção da sociedade, mas também um papel criativo na construção de uma visão nova do Mundo, da Sociedade e da História. Aliás, só fazendo ciência e criando cultura, a Universidade pode ser inovadora; pode ser afinal o corpo intermédio que mais influi no modo de um País ser e estar no Mundo. Só fazendo ciência e criando cultura, a Universidade pode ser o espaço de uma prática política que tome a palavra para proclamar, nos dias que passam, que nem tudo é redutível às formas matemáticas impecáveis da tecnocracia e do liberalismo. Uma

"No caso da ciência da motricidade humana, ela quer abraçar a causa do Homem, porque o Homem está em causa."

lágrima humana é bem mais do que tudo o que as ciências explicam. E algumas políticas implicam...

No caso da ciência da motricidade humana, ela quer abraçar a causa do Homem, porque o Homem está em causa. É velho, de mais de dois mil anos o preceito de Delfos - conhece a ti mesmo. Ora, para mim, o ser humano é um ser aberto à transcendência e ao encontro. E é por isso que ele

se movimenta. O sujeito, enquanto essente encerrado em si mesmo, desaparece com Hegel. É na Fenomenologia do Espírito que, pela primeira vez se desenvolve, mediante a dialéctica do senhor e do escravo, uma *fenomenologia da alteridade*, ou seja, da *intersubjetividade*. Hegel, a

este propósito, afirma que não faz sentido falar de um *si-mesmo* (Selbst) fora da relação ao *outro*. Para não me perder na citação enfadonha doutros filósofos, relembro tão-só Jean-Paul Sartre, no seu célebre *l'être et le néant*: "eu tenho necessidade do outro para compreender plenamente as estruturas do meu ser, o Para-si remete ao Para-outrem".²⁰ Uma das características do pensamento filosófico contemporâneo consiste seguramente na defesa de uma ideia de alteridade subjacente e estruturante da subjetividade. Maurice Merleau-Ponty exclama: "a minha vida tem uma atmosfera social, tal como possui um sabor mortal".²¹ A solidão no ser humano é a falta da presença do outro.

A ciência da motricidade humana, porém, diz mais: porque descobre o *outro* implicado em todos os níveis da instauração do sentido. Sem o outro, a motricidade humana perde sentido. Mesmo o desportista solitário, praticando a sua corrida matinal, supõe a existência doutras pessoas que lhe permitem o seu exercício higiénico. A motricidade humana diz-nos que é infinito o

¹⁹ BACHELARD, Gaston. A vocação científica e a alma humana. In: *O Homem perante a Ciência*. Encontros Internacionais de Genebra. Lisboa: Publicações Europa-América, 1967. pp.16 ss.

²⁰ SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 1976. p.290.

²¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1976. p.418.

carácter do espaço intersubjetivo, sublinha que a vida é impossível sem o diálogo. A *metafísica da subjectividade* sofreu também um rude golpe com o surgimento das ciências humanas (ou ciências do homem) as quais, ao tradicional projecto de considerar a vida humana como subjectividade, contrapõem um contra-projecto de redução do ser humano a mero objecto científico. A ciência da motricidade humana, ao pretender estudar o homem no movimento da superação (ou da transcendência) chega à conclusão, em primeiro lugar, de que os problemas humanos não são tanto os do *ser*, mas do *sentido do ser*. Isto, porque, em última análise, o problema do real é inseparável da sua significação. E, em segundo lugar, de que o sentido não é mais do que uma função da intencionalidade do sujeito. Assim, é evidente, na ciência da motricidade hu-

mana, a sua *lógica do social* dado que não há motricidade, sem movimento para o *outro*; dado que eu mesmo não existo sem o outro e, assim, o bem-estar do outro é o meu próprio bem-estar.

Subjaz à ciência da motricidade humana (de que a Educação Física, enquanto macro-conceito, é a pré-ciência) um *princípio de responsabilidade: porque o sujeito, através de estruturas sociais opressivas, está em causa - eu próprio estou em causa também!* O modelo cartesiano da subjectividade é superado, porque a motricidade humana é energia para uma dialéctica entre o *eu* e o *tu*, onde a subjectividade se completa na intersubjectividade, onde cada um de nós nunca é um dado adquirido, já que, através da motricidade, nos movimentos para *ser mais...* com os outros!

SECRETARIAS ESTADUAIS DO CBCE NA REGIÃO CENTRO-OESTE

1. BRASÍLIA

Secretário: Prof. JOÃO ALBERTO LISOT
Endereço: SQN, 307, Bloco D, Apto 406
Cep 70.746-040 - Brasília - DF
Fone (061) 349-1091 Fax (061) 274-4409

2. GOIÁS

Secretária: Profª. JANDERNAIDE RESENDE LEMOS
Endereço: R. E-4, n. 247 Apto 1102
Ed. Tucuman - Sta Bela Vista
Cep 74.823-450 - Goiânia - GO

3. MATO GROSSO

Secretária: Profa. BELENI SALETE GRANDO
Endereço: Rua F, n. 344, Bloco 9, apto 202
Res. Aclimação
Cep 78.070-000 - Cuiabá - MT
Fone (065) 322-0299

4. TOCANTINS

Secretário: Prof. JOAQUIM R. A. N. NUNES
Endereço: Avenida Tocantins n. 1580
Cep 77.803-120 - Centro - Araguaiana - TO